

Revista **FONTES DOCUMENTAIS**

A DESUMANIZAÇÃO DA MULHER NEGRA COLONIZADA NO FIM DO SÉCULO XIX: A IMPRENSA COMO FONTE HISTORIOGRÁFICA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

*THE DEHUMANIZATION OF THE COLONIZED BLACK WOMAN AT THE END OF THE 19TH
CENTURY: THE PRESS AS A HISTORIOGRAPHICAL SOURCE AND THE CONSTRUCTION OF
MEANINGS*

DOI: 10.9771/rfd.v7i0.66268

Leila Martins dos Santos Lima

Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Graduada em Letras - Português e Inglês pela UFS. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2441-1177>. E-mail: leilamartins194@gmail.com

Elaine Maria Santos

Professora da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutora em Educação e Mestre em Letras pela UFS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6376-2932>. E Mail: elainemaria@academico.ufs.br

RESUMO

Este trabalho analisa representações da mulher negra nos periódicos brasileiros do final do século XIX, com base em dados quantitativos e qualitativos de palavras-chave coletadas por Lima e Santos (2022). A pesquisa evidencia a desumanização e estereotipização promovidas pela linguagem jornalística da época, alinhando-se às reflexões de Cabecinhas (2002) e Quijano (2005) sobre a colonialidade do poder e da linguagem. Destaca-se a importância de estudos críticos como este para questionar narrativas hegemônicas e legitimar a luta por uma sociedade mais inclusiva e respeitosa, valorizando a diversidade e a singularidade das experiências das mulheres negras.

Palavras-chave: mulher negra; periódicos; desumanização; representações.

ABSTRACT

This study analyzes representations of Black women in Brazilian newspapers from the late 19th century, based on quantitative and qualitative data of keywords collected by Lima and Santos (2022). The research highlights the dehumanization and stereotyping perpetuated by the journalistic language of the time, aligning with the reflections of Cabecinhas (2002) and Quijano (2005) on the coloniality of power and

language. The study underscores the importance of critical research like this to challenge hegemonic narratives and legitimize the fight for a more inclusive and respectful society, valuing the diversity and uniqueness of Black women's experiences.

Keywords: black women; periodicals; dehumanization; representations.

1 INTRODUÇÃO

Quando analisamos as representações da mulher negra no século XIX, reproduzimos os discursos que foram consolidados e as histórias únicas que conhecemos sobre essa mulher negra, escrava ou recém liberta, sem nenhuma expressão social, educacional ou política. Os espaços ocupados por essas mulheres, mesmo que não tenham tido representatividade ou expressão, precisam ser recuperados, para que possamos entender como esse discurso foi construído e é, nesse contexto, que o estudo de jornais de época se faz essencial.

Assim, a utilização da imprensa em estudos acadêmicos, como os relacionados à Linguística Aplicada, é fundamental, pois os jornais e periódicos da época oferecem valiosas fontes primárias e informações relevantes sobre os contextos culturais, econômicos, debates políticos, ideológicos e sociais do período histórico que está sendo estudado. Afinal, de acordo com Rojo (2006), a pesquisa em Linguística Aplicada precisa se pautar em função de problemas reais, os quais possuam importância social suficiente para exigirem respostas teóricas que tragam ganhos às práticas sociais e aos seus participantes.

Ao final do século XIX, os periódicos exerciam uma influência dominante na comunicação social, semelhante à sua importância nos dias atuais. Funcionavam como um meio de comunicação coletiva, abordando uma gama de tópicos, incluindo política, cultura, religião, ideologia e economia. Um exemplo disso pode ser observado no Rio de Janeiro, onde o censo de 1872¹ evidenciou que, dos 274.972 habitantes, apenas 99.485 tinham habilidades de leitura e escrita, correspondendo a um significativo índice de 63,8% de analfabetismo.

Esses dados refletem uma sociedade profundamente desigual no acesso à educação e informação, limitando o alcance dos periódicos como meio de comunicação apenas para uma parcela significativa da população. Além disso, a concentração de pessoas alfabetizadas influenciava a diversidade de perspectivas nos meios de comunicação, já que aqueles com habilidades de escrita tinham o poder de moldar narrativas e influenciar opiniões. Assim, os

¹ IBGE. s.d. Recenseamento do Brasil em 1872. Rio de Janeiro, Typographia G. Leuzinger

periódicos, embora fossem uma ferramenta de comunicação coletiva, ainda refletiam as disparidades sociais e educacionais presentes na sociedade carioca do século XIX.

Nesse contexto, o Rio de Janeiro não apenas se destacava como uma das principais capitais políticas e culturais do Brasil nesse período, mas também se sobressaiu como um centro relevante de produção jornalística. O jornal *Gazeta de Notícias*, em especial, foi reconhecido como um dos periódicos mais populares e influentes da época, deixando uma marca significativa na história política e cultural do país.

De acordo com o Instituto Patrícia Galvão (2015), estereótipos discriminatórios são profundamente enraizados na herança escravagista do Brasil, que objetifica e subalterniza a mulher negra, alimentando mitos racistas como a hipersexualização contínua. Esse legado histórico se manifesta em estereótipos que retratam as mulheres negras como sempre disponíveis sexualmente, em contraste com a imagem da mulher branca como recatada e pura. Essa reflexão permite construir uma ponte entre as ideias do Instituto e o estudo sobre a mulher negra do século XIX. Com base nessa inspiração, este ensaio tem como objetivo analisar a presença de um caráter desumanizador na representação da mulher negra do século XIX, entender a imprensa como fonte histórica e compreender o processo de construção de sentidos, segundo Chartier (1991).

Para validar a importância dos textos escritos na construção de sentidos, Chartier (1991) afirma que a leitura ou escuta desempenha um papel crucial na construção de significados, sendo um processo variável e moldado historicamente conforme épocas, localidades e comunidades. A primeira hipótese do autor sugere que a formação e manutenção de ideias na mente coletiva são amplificadas por meio de textos impressos, seja na forma de leitura ou narração. Essa perspectiva encontra eco em Zanlorenzi (2010), que compartilha a visão de que a palavra escrita pode ser empregada em qualquer momento e lugar para construir interpretações históricas e reforçar a importância do uso da imprensa no âmbito das pesquisas acadêmicas.

No Brasil, o jornal impresso, que se estabeleceu no país em 1808, desempenhou um papel primordial na construção de ideais no imaginário social e coletivo. Esse dispositivo foi não apenas um meio de informação, mas também um veículo de reprodução e perpetuação de hierarquias sociais e culturais. A imprensa do século XIX consolidou-se como uma arena em que representações da mulher negra eram articuladas e difundidas, reforçando estigmas que marcariam a trajetória social dessas mulheres.

Ao abordar o teor dessas representações, é necessário destacar que o jornal impresso não apenas refletia a realidade da época, mas ativamente participava da construção de significados. Como sugere Chartier (1991), o ato de leitura é sempre um evento situado, condicionado por um conjunto de práticas culturais e sociais. No caso das mulheres negras, o discurso midiático muitas vezes buscava legitimar estruturas de poder coloniais e patriarcais, relegando-as à invisibilidade ou à subalternidade.

Nesse contexto, Pasquini e Toledo (2014) oferecem uma visão ampliada sobre o significado da história, afirmando que esta é muito mais do que uma sequência de datas ou fatos; ela é uma narrativa em constante disputa, refletindo lutas pela sobrevivência e pela preservação do patrimônio cultural de um povo. Essa perspectiva permite resgatar a história da mulher negra não apenas como um registro de violências sofridas, mas também como um espaço de resistência e de ressignificação de sua própria existência.

O estudo da imprensa como fonte histórica torna-se, portanto, um elemento crucial para compreender os mecanismos de opressão e as formas de resistência que permearam a experiência da mulher negra no século XIX. Ao explorar os textos da época, é possível identificar não apenas as representações desumanizadoras, mas também as brechas por onde emergiram vozes dissonantes, desafiando o *status quo*. Este processo de análise requer uma abordagem interdisciplinar, que articule elementos de história cultural, análise discursiva e estudos de gênero e raça, com base nos princípios da Linguística Aplicada.

Assim, a imprensa do século XIX não deve ser vista apenas como um repositório de dados, mas como um espaço de produção e negociação de significados. Ao investigarmos as narrativas presentes nos jornais da época, somos levados a refletir sobre como essas representações não apenas moldaram a percepção coletiva sobre a mulher negra, mas também influenciaram as práticas sociais que perpetuam desigualdades até os dias de hoje.

Portanto, neste ensaio, vamos investigar as representações da mulher negra na imprensa do século XIX, com foco no jornal *Gazeta de Notícias*, para compreender até que ponto essas narrativas contribuíram para reforçar estereótipos racistas e patriarcais. Além disso, analisaremos como a linguagem utilizada contribuiu para a perpetuação de desigualdades sociais e refletiremos sobre as possibilidades de ressignificação e resistência presentes nesse contexto histórico.

2. O GAZETA DE NOTÍCIAS DO RIO DE JANEIRO

O jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro desempenhou um papel fundamental como um dos principais veículos de comunicação na então capital do Brasil, Rio de Janeiro, durante seu período de circulação, entre 1875 e 1942. Fundado por Elísio Mendes, Henrique Chaves e Ferreira de Araújo, o jornal revolucionou a imprensa da época ao dedicar especial atenção às esferas literária, artística e social. Figuras renomadas como José do Patrocínio, Machado de Assis, Eça de Queiroz, Olavo Bilac e Euclides da Cunha contribuíram com seus escritos para este veículo, ampliando sua relevância como um espaço de construção de narrativas e debates (Feitosa, 2013).

Nas palavras de Jorge (1977):

Foi Ferreira de Araújo quem iniciou no Brasil, com sua folha, a fase do jornal barato, de ampla informação. A Gazeta de Notícias, no seu tempo, era um jornal moderno, de espírito adiantado, o primeiro órgão da nossa imprensa que divulgou a caricatura diária, a entrevista e a reportagem fotográfica (Jorge, 1977, p. 16).

Com a consolidação do Rio de Janeiro como centro político e cultural do Brasil, no final do século XIX, a Gazeta de Notícias emergiu como uma plataforma de destaque, moldando opiniões e legitimando discursos. O sucesso desse veículo exemplifica a importância da imprensa na construção de imaginários sociais e na manutenção de hierarquias estruturais, especialmente em um período marcado pelas transformações pós-abolição. Reconhecido por sua acessibilidade, sendo "barato, popular, liberal, vendido a quarenta réis o exemplar" (Sodré, 1966, p. 257), sua influência transcendeu as fronteiras do jornalismo, alcançando o campo cultural e ideológico, ao mesmo tempo que refletia os interesses e perspectivas da elite intelectual e política da época.

Neste contexto, a reflexão central deste ensaio é a análise dos resultados apresentados em Lima e Santos (2022), "Representações da mulher negra no jornal Gazeta de Notícias no final do século XIX", que buscaram analisar as falas de mulheres negras na contemporaneidade com o intuito de conceber a dinâmica de inserção de suas vozes na sociedade. O projeto então, tem por foco observar a existência, frequência e características dos discursos proferidos por e sobre mulheres negras nos jornais do fim do século XIX.

Este ensaio, portanto, busca compreender o caráter desumanizador atribuído às mulheres negras nas narrativas jornalísticas, utilizando como corpus o resultado de Lima e Santos (2022) e enfatizando como essas representações foram moldadas por um discurso de colonialidade, conforme as reflexões de Aníbal Quijano (2005). A colonialidade, enquanto um sistema que

transcende o colonialismo formal, estrutura relações de poder baseadas em raça, gênero e classe, configurando desigualdades que persistem em narrativas culturais e midiáticas. Assim, para o autor

A colonialidade do poder consiste na articulação entre o controle do trabalho, seus recursos e seus produtos, e a intersubjetividade, incluindo a produção de conhecimento, a partir da imposição de uma classificação social da população mundial baseada na ideia de raça (Quijano, 2005, p. 123).

As questões de colonialidade, dessa forma, ultrapassam a dominação colonial, e são capazes de influenciar estruturas sociais, econômicas e epistemológicas, mesmo após o término do colonialismo formal. Nesta pesquisa, essas discussões sobre a colonialidade do poder, da linguagem e do saber estarão centradas nos achados retirados de um jornal do século XIX.

A análise da Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, conduzida por Lima e Santos (2022) portanto, oferece um panorama que permite problematizar como as mulheres negras eram retratadas dentro das limitações de uma sociedade profundamente desigual e até que ponto, por meio de descrições e escolhas linguísticas, as negras foram reduzidas a estereótipos ou foram apagadas do protagonismo histórico. Dessa forma, a exploração crítica desses textos ilumina não apenas os mecanismos de opressão, mas também as possibilidades de agência e resistência que emergem nas lacunas e contradições desses discursos.

3. REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA EM O GAZETA DE NOTÍCIAS DO RIO DE JANEIRO

A coleta dos números que compõem o resultado analisado neste ensaio foi realizada no site da Hemeroteca Digital, conforme descrito no trabalho de Lima e Santos (2022). Esse braço da Biblioteca Nacional oferece aos pesquisadores e público em geral a consulta online de periódicos nacionais e publicações seriadas, de forma ilimitada e gratuita.

Além disso, essa facilidade de acesso democratiza o conhecimento e a informação, permitindo que pessoas de diferentes regiões, instituições e níveis socioeconômicos tenham a oportunidade de explorar o acervo e se beneficiar dele. Essa característica torna o site uma ferramenta indispensável para pesquisadores interessados em compreender contextos históricos por meio da análise de periódicos antigos.

No trabalho de Lima e Santos (2022), para a realização do levantamento de dados, foram elencadas palavras-chave relacionadas às mulheres negras e aos contextos em que eram mencionadas: “uma negra”, “mulata”, “mulher preta”, “mulher negra”, “mulher de cor negra”, “preta vagabunda” e “crioula”. Logo após, a tabulação de dados, as autoras realizaram a busca quantitativa destas palavras-chave e por numeração da edição em que aparecia, dividindo assim os resultados em tabelas para cada ano, de 1890 a 1895. Não é objetivo deste trabalho apresentar os resultados individuais de cada ano, uma vez que o foco está na análise dos resultados finais do trabalho das autoras.

A busca das palavras-chave foi realizada utilizando o site da Hemeroteca Digital pelo método de pesquisa por frase exata, que consiste em pesquisar a expressão ou a oração entre aspas, por exemplo: “uma negra”. Dessa forma, o mecanismo de busca retornou apenas os resultados em que a frase ou expressão aparecia integralmente. Segundo as autoras, essa estratégia garante maior precisão na identificação de ocorrências relevantes, otimizando a análise qualitativa e quantitativa dos dados obtidos.

Os resultados gerais obtidos no trabalho de Lima e Santos (2022) foram aqui analisados, possibilitando uma interpretação mais ampla e contextualizada das representações da mulher negra nos periódicos do final do século XIX.

Tabela 1 - Junção dos dados de tabulação do jornal Gazeta de Notícias entre 1890 a 1895

| Palavra-chave | Quantidade Total |
|-----------------------|------------------|
| “uma negra” | 16 |
| “mulata” | 107 |
| “mulher preta” | 1 |
| “mulher negra” | 0 |
| “mulher de cor preta” | 29 |
| “preta vagabunda” | 1 |
| “crioula” | 23 |

Disponível em: <https://periodicos.ifs.edu.br/periodicos/fontesdocumentais/article/view/1432>

Fonte: Dados coletados pelas autoras

Veronelli (2015), ao propor o conceito de *colonialidade da linguagem*, reflete que compreender a forma como a linguagem é utilizada para desumanizar as populações colonizadas exige uma mudança profunda na percepção que se tem sobre a própria linguagem. Segundo a autora, “a colonialidade como relação comunicativa não é algo que possa ser explicado seguindo a teoria da ação comunicativa moderna”. A estrutura moldada pela percepção eurocêntrica cria uma hierarquia de poder que trata as populações colonizadas como menos humanas ou até mesmo como não humanas.

Para Maldonado-Torres (2007), ao analisarmos os efeitos do colonialismo, o uso da linguagem precisa ser compreendido em um contexto de desumanização e epistemicídio. Ela é utilizada como uma ferramenta que domina e, ao mesmo tempo, controla, levando a um inevitável silenciamento de saberes e formas de expressão das populações colonizadas, uma vez que o discurso que tem prestígio, e é valorizado, é o do colonizador. Para o autor, “como as línguas não são algo que os seres humanos possuem, mas algo do qual os seres humanos são, a colonialidade do poder e do conhecimento engendrou a colonialidade do ser”² (Maldonado-Torres, 2007, p. 252),

Percebemos, então, que a colonialidade impacta profundamente a essência do ser humano, incluindo a linguagem, fazendo com que ela seja usada como ferramenta de dominação colonial e leve, inevitavelmente, a implicações contemporâneas. Ao analisarmos as relações entre as colonialidades de poder, do saber e da linguagem, precisamos, em nossas pesquisas, lançar nossos olhares sobre a linguagem utilizada e as representações que são suscitadas em decorrência do poder de quem a emprega.

Esse aspecto é perceptível nos resultados do trabalho de Lima e Santos (2022), que analisam as ocorrências de termos relacionados às mulheres negras no jornal *Gazeta de Notícias* entre 1890 e 1895. A expressão “uma negra” aparece 16 vezes, enquanto o termo “mulata” concentra o maior número de ocorrências, com 107 registros. Por outro lado, termos como “mulher preta” e “mulher negra” aparecem apenas uma vez e nenhuma vez, respectivamente. Já a expressão “mulher de cor preta” é registrada 29 vezes, e o termo “crioula” contabiliza 23 ocorrências, enquanto a expressão ofensiva “preta vagabunda” aparece uma vez.

² “Since languages are not something human beings have but rather something of what humans beings are, coloniality of power and of knowledge engendered the coloniality of being” (Texto original, tradução nossa)

Essa distribuição evidencia a ausência quase total de referências que reconheçam as mulheres negras como mulheres, o que corrobora a crítica de Sojourner Truth³, em seu famoso discurso de 1851, “*Ain’t I a Woman?*”. Truth apontava que a concepção hegemônica de gênero não incluía a mulher negra, negando a ela qualquer pertencimento ao ideal de feminilidade e humanidade. Os dados analisados no contexto dos anos 1890 a 1895 demonstram a persistência dessa lógica excludente e desumanizadora: termos pejorativos, como “mulata” e “crioula”, predominam, enquanto expressões que poderiam afirmar a humanidade e identidade feminina das mulheres negras são praticamente inexistentes.

Podemos nos debruçar também às reflexões de Quijano (2005) sobre a racionalidade eurocêntrica e a colonialidade do poder, que impuseram uma abordagem dualista entre corpo e não-corpo. Nessa lógica, o “corpo” foi objetificado como algo separado do espírito, especialmente em relação às mulheres racializadas. As mulheres negras, associadas à natureza devido à hierarquia racial colonial, eram vistas como mais próximas dos animais e, conseqüentemente, menos humanas do que as mulheres brancas. Esse processo de desumanização reforçou estereótipos que perduram até hoje, invisibilizando as mulheres negras e reduzindo suas existências a objetos de exploração ou exotização.

Portanto, os resultados apresentados no estudo de Lima e Santos (2022) evidenciam como a linguagem veiculada pela imprensa da época funcionou como um mecanismo de exclusão e hierarquização. A predominância de termos pejorativos e a ausência de expressões que afirmam a identidade feminina das mulheres negras denunciam a desumanização histórica à qual foram submetidas, reafirmando as análises de Truth (1851), Veronelli (2015) e Quijano (2005) e contribuem para a criação de representação de mulher negra como corpo não pensante.

Diante do exposto, é possível perceber como os jornais oitocentistas auxiliaram na consolidação de representações da mulher negra como um corpo objetificado e desumanizado. Essas publicações reforçavam a ideia de que a mulher negra estava exclusivamente ligada ao trabalho físico e/ou à sexualidade, desprovida de intelecto, raciocínio, importância, subjetividade

³ Sojourner Truth foi uma abolicionista afro-americana e ativista pelos direitos das mulheres. Nascida na escravidão em Swartekill, no condado de Ulster, Nova York, ela escapou para a liberdade com sua filha recém-nascida em 1826. Após entrar na justiça para recuperar seu filho, tornou-se a primeira mulher negra a vencer um caso contra um homem branco. Sojourner Truth nasceu com o nome Isabella Baumfree. Em 1843, ela se deu o nome de Sojourner Truth. Seu discurso improvisado mais conhecido sobre desigualdades de gênero, intitulado “*Ain’t I a Woman?*”, foi apresentado em 1851 na Convenção de Direitos das Mulheres de Ohio, em Akron, Ohio. Durante a Guerra Civil, Truth ajudou a recrutar tropas negras para o Exército da União; após a guerra, ela tentou, sem sucesso, garantir concessões de terras do governo federal para ex-escravizados (Truth, 2016)

ou voz própria. Trata-se de uma construção discursiva pautada na colonialidade do poder, uma vez que, a essa (ou essas) mulher(es) negra(s) foram atribuídos papéis predeterminados, como o de ama de leite, empregada ou objeto sexual, funções que atendiam aos anseios e interesses da elite masculina branca da época. As narrativas construídas a partir da ausência da voz dessa mulher eram mantidas por uma lógica racista, que contribuía para a associação da representação da mulher negra a estereótipos degradantes, naturalizando a sua exploração e exclusão social.

As pesquisas de Chartier (1990) nos ajudam a compreender como esses estereótipos da mulher negra moldaram o imaginário social desse corpo sem voz, sem valor e sem pudor. Segundo o autor, as representações devem ser entendidas como construções sociais que refletem as relações de poder que estão dando sustentação a interesses específicos e que são capazes de naturalizar desigualdades. No caso das mulheres negras, as representações inculcadas na sociedade, por meio dos jornais, reforçavam os estereótipos coloniais e consolidavam o lugar que lhes era imposto na sociedade como o único que poderiam ter: o de um corpo servil, subalterno e sem voz. Dessa forma, é possível afirmar que os jornais, além de reproduzirem, davam voz aos opressores e legitimava as estruturas de opressão de gênero e raça.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Com base na análise apresentada, reafirma-se o valor dos periódicos como fontes válidas de pesquisa histórica, documental e sociocultural. Esses documentos possuem mérito inegável na construção do conhecimento e na influência exercida na formação do imaginário coletivo. A leitura crítica das narrativas produzidas no período pós-abolição, especialmente em relação às mulheres negras, permite compreender como a imprensa ajudou a moldar estereótipos que, lamentavelmente, ainda persistem na sociedade contemporânea.

Conforme destacado por Cabecinhas (2002), o final do século XIX foi marcado por um processo de diferenciação simbólica que desumanizou as mulheres negras. Nesse contexto, elas não eram reconhecidas como indivíduos únicos, mas tratadas como representantes genéricos de um grupo. Essa desumanização foi perpetuada por meio de discursos e escolhas linguísticas que relegaram à mulher negra uma condição de subalternidade, limitando sua identidade a estereótipos raciais e de gênero desumanizantes.

Os dados levantados por Lima e Santos (2022), como a predominância de termos pejorativos e a ausência quase completa de referências que identifiquem a mulher negra enquanto sujeito pleno, corroboram essa narrativa histórica. A análise quantitativa e qualitativa das palavras-chave evidencia como a linguagem foi utilizada para sustentar hierarquias sociais e silenciar experiências e vozes femininas negras.

Dessa forma, a crítica às representações da mulher negra nos periódicos antigos é essencial não apenas para questionar as narrativas hegemônicas do passado, mas também para promover uma abordagem mais inclusiva no presente. O resgate dessa memória histórica desafia os estereótipos e valoriza a diversidade e a singularidade das experiências das mulheres negras. Mais do que isso, legitima a luta dos movimentos de feminismo negro e destaca a importância de estudos como este na construção de uma sociedade que respeite e valorize a humanidade de todos os indivíduos.

Assim, é fundamental destacar que análises críticas sobre a representação da mulher negra nos jornais de época são indispensáveis para enfrentar estruturas de opressão que atravessam séculos. Elas promovem não apenas o reconhecimento histórico, mas também embasam ações concretas para a valorização e a afirmação das mulheres negras no presente e no futuro.

REFERÊNCIAS

ASPERTI, Clara Miguel. A vida carioca nos jornais: Gazeta de notícias e a defesa da crônica. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, 2006.

CABECINHAS, Rosa. **Memórias e representações sociais**: estudos de psicologia social. Minho: Universidade do Minho, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. Eça de Queirós na Gazeta de Notícias (Rio de Janeiro): a função social do jornal. **Convergência Lusíada**, v. 24, n. 29, p. 185-185, 2013.

JORGE, Fernando. **Vida e obra de Olavo Bilac**. Introdução de Menotti Del Picchia. São Paulo: Editora Mc Graw-Hill do Brasil, 1977.

LIMA, Leila M. dos S.; SANTOS, Elaine M. Representações da mulher negra no jornal Gazeta de Notícias no final do século XIX. **Revista Fontes Documentais**, Aracaju, v. 5, n. Ed. Especial, p. 143–160, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/RFD/article/view/57973>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MALDONADO-TORRES, Nelson. On the Coloniality of Being: Contributions to the Development of a Concept. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2-3, p. 240-270, 2007.

PASQUINI, Adriana Salvaterra; TOLEDO, César Alencar. Historiografia da educação: a imprensa enquanto fonte de investigação. **Educação**, v. 2, n. 3, p. 257-267, 2014.

QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 117-142, 2005.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento**. Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola, p. 253-276, 2006.

TRUTH, Sojourner. **Narrative of sojourner truth a northern slave**. Brighthouse, 2016.

TRUTH, Sojourner. **Discurso: No soy una mujer? Convención de los derechos de la mujer de Ohio**. 1851.

VERONELLI, Gabriela Augustina. Sobre la colonialidad del lenguaje. **Revista Universitas Humanística**, Bogotá, n. 81, p. 33-58, 2015.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak. **História da educação, fontes e imprensa**. Campinas, 2010.

Recebido/ Received: 04/01/2025

Aceito/ Accepted: 04/02/2025

Publicado/ Published: 03/03/2025